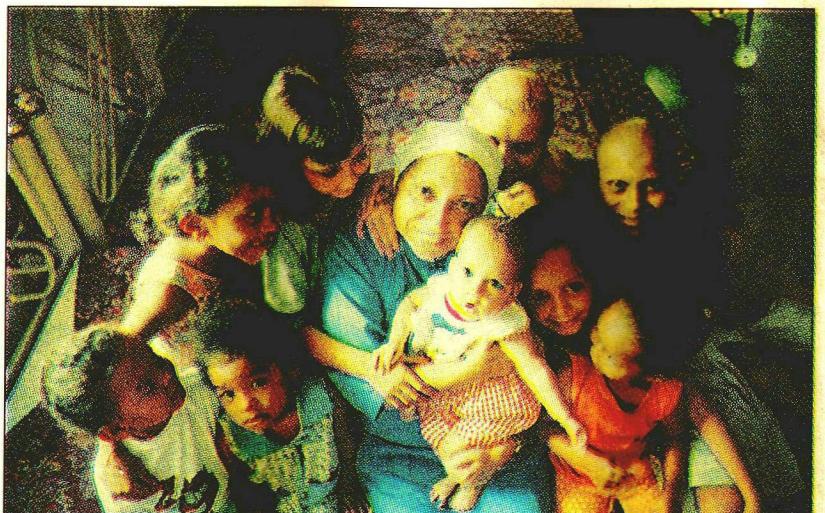


PROMOÇÃO HUMANA

Numa Cidade-estado como Brasília, um arquipélago físico, social e cultural com renda per capita próxima dos onze mil dólares (o dobro da média nacional), a sobrevivência exige atenções extraordinárias.

Precisam delas os deserdados da fortuna, os pobres migrantes que vêm em busca de um eldorado que não existe. Como também precisam os que perderam sua identidade cultural e, principalmente, as crianças e jovens.

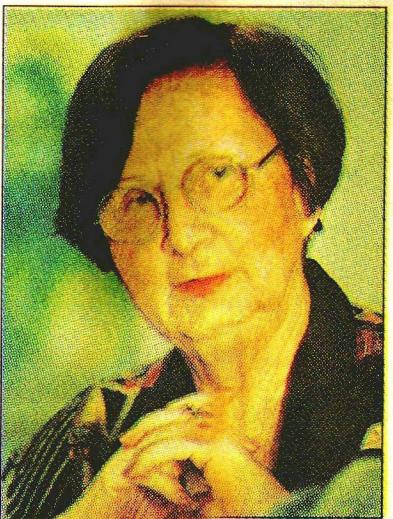
A caridade - uma das três virtudes teologais - sublima as pessoas, mas não lhes atribui nenhuma aura.



D. IRENE DE CARVALHO

Aos 65 anos, d. Irene de Carvalho tem mais da metade de sua biografia dedicada ao auxílio. Atual presidente da Comunhão Espírita de Brasília, ela é uma das fundadoras da Casa, há 37 anos, quando mudou-se de São Paulo para o Distrito Federal. "Procuramos dar assistência às pessoas que estão sofrendo, sem visar orientação religiosa", diz ela. Além das 35 mil pessoas que passam, por mês, pela Comunhão Espírita, os voluntários da instituição dirigida por d. Irene prestam assistência aos leprosários de Anápolis, Goiânia e Planaltina, ao hospital do Fogo Selvagem, ao Lar dos Velhinhos Maria Madalena.

Ainda dão auxílio a filhos de presidiários em necessidades, a crianças de rua, excepcionais, a 180 famílias carentes; oferecem pão aos sem-teto, visitam pacientes em estágio terminal, prestam atendimento a dependentes quími-



cos, além de manter o orfanato-móvel de Brasília, Nossa Lar, com 70 crianças. À frente do Departamento de Orientação Espiritual Dias da Cruz, d. ela coordena 52 médicos, que atendem consultas por escrito, vindas do mundo todo. "Damos ênfase às áreas da oncologia, tuberculose, hanseníase e Aids".

IRMÃ AURIMAR

Irmã Aurimar, 50, traz o sorriso constantemente impresso em sua fisionomia. É com esse traço que ela procura amenizar a dor alheia: cuida de crianças com câncer, oriundas das mais pobres regiões do país em busca dos hospitais do DF, na instituição Casa do Menino Jesus, no Gama. Irmã Aurimar já tinha se consagrado freira quando acompanhou o drama familiar. Nascida em Alagoinha (CE), chegou a Brasília em 1986. Por oito anos, trabalhou na Paróquia São Sebastião, no Ga-

ma. A casa para abrigar os pequenos enfermos e seus familiares só aconteceu em 1991.

O local tem capacidade para abrigar até 80 pessoas. Tudo é mantido com doações. Ela enfrenta toda essa trabalho com fé, esperança e muito amor. Nas horas de folga, ainda encontra tempo para prestar auxílio a outras duas creches, além de batalhar donativos para a construção de outro imóvel, onde pretende atender as crianças carentes da comunidade.

EDILBERTO DOS SANTOS BARROS

O preparador físico Edilberto dos Santos Barros, 38, tem conseguido pôr muita gente para correr atrás de melhores oportunidades na vida. Formado em Educação Física, funcionário público federal, ele dedica suas horas de lazer ao treinamento de adolescentes e jovens carentes interessados em ingressar no Atletismo. "Vim de uma família muito pobre. Sei que, para alguns, o esporte é a única opção de transformar a própria vida", conta ele.

Seu trabalho começou há dez anos, no Paranoá, num projeto comunitário. "Dois anos depois retiraram o patrocínio. Ficamos sem o dinheiro, mas eu toquei o projeto", relembrá. Atende jovens do Paranoá, Gama, Cruzeiro e outras Satélites. O extra que ganha com personal-training, aplica na Associação Brasiliense de Corredores, um clube de atle-



tismo voltado ao patrocínio de competidores carentes.

Casado pela segunda vez, dois filhos e dois enteados, Edilberto é um dos inúmeros maranhenses que contribuem para a grandeza da Capital Federal.

DONA DORA

Adamastora América de Andrade ou simplesmente dona Dora, é uma professora aposentada, que aos 77 anos ainda acalenta um sonho: construir uma casa para profissionalizar mulheres carentes que lutam sozinhas para criar os filhos. Mas a luta de dona Dora não está começando agora. Ela é benemerita da Casa do Menor e da Gestante, a Camege, do Grupo da Fraternidade Cicero Pereira, uma instituição espírita. A Camege é um abrigo pioneiro no Distrito Federal. Segundo a benemerita, mais de mil crianças vieram ao mundo ali. Todas elas, filhas de mulheres que, ao engravidar, foram abandonadas pelos companheiros, pelas pais, pela própria família. A Camege é a única instituição, por exemplo, que recebe menores gestantes. "Temos hoje meninos que já estão estudando na UnB, assim como mães que constituíram novas famílias e hoje vivem muito bem", conta com orgulho. O Grupo Fraternidade mantém uma creche com 145 meninos e meninas de até sete anos de idade. Um convênio com a Fundação Educacional garante o maternal, o primeiro e o segundo período. "São crianças que, apesar de todas as dificuldades, surpreendem pela inteligência, pela sensibilidade", conta dona Dora. Mineira de Belo Horizonte, dona Dora, conta que já adotou Brasília como sua cidade. Está aqui há 34 anos. Foi aqui que criou os quatro filhos e uma neta. De Minas, lembra com saudade da Escola Normal, de Madame Antipoff, uma professora francesa que já naquela época preocupava-se em dar cidadania a crianças carentes e deficientes.